



TEMA 2

EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINS DA TERRA

TEMA 2

EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINES DA TERRA

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão da **vida e da ação do Espírito Santo em relação à missão da Igreja.**

Nesta experiência do CAM6, desejamos dar um novo **impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.**

O quinto capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* inspira a expressão que abordaremos aqui: “evangelizadores com espírito significa evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito” (EG 259) e o Papa continua: “quando dizemos que uma realidade tem um espírito, geralmente indicamos um movimento interior que impulsiona, motiva, anima e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG 261).

Os evangelizadores com o Espírito são aqueles que, acolhendo a ação do Espírito Santo, abraçam uma vida de acordo com o Espírito. A partir disso, distinguimos duas abordagens: a ação do Espírito e a vida de acordo com o Espírito. A seguir, propomos abordar essas duas abordagens em detalhes.

II. DESENVOLVIMENTO

1. A ação do Espírito Santo

Já é um tema clássico o fato de que, em nossa Igreja latina, o Espírito Santo tem sido o grande desconhecido. Mesmo nos estudos teológicos, é difícil encontrar um espaço adequado para a reflexão sobre o Espírito Santo.¹

Nas palavras de Dom Raúl Biord Castillo, o Espírito Santo é “o travesso da Trindade”.²

Se a Trindade é uma família (comunhão missionária, relacionamento substancial intrínseco de três pessoas, fonte de vida), poderíamos dizer que o Espírito Santo é o “brincalhão” da família. Travesso em vários sentidos:

1. Ele é travesso porque, por meio dele, as diferenças e as identidades são superadas.
2. Ele é travesso porque, como espírito, atravessa a materialidade de toda concretude, sempre nos convidando a projetos sempre novos.
3. Ele é travesso porque interrompe todos os planos pessoais e propõe novos planos, como

¹ Cf. Biord Castillo, Raúl. “Abordagem teológica: A Igreja particular impulsionada pelo Espírito até os confins da terra: sua responsabilidade missionária”. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

² Ibid.

aconteceu com Maria, com José e com todos nós. Se é assim, quando na Igreja temos tudo organizado, pronto para começar, o Espírito Santo desfaz, desarranja, descompõe ... E depois da perplexidade inicial, ele nos permite chegar a uma nova ordem que integra o até então desconhecido.

4. Ele é travesso porque é uma fonte de alegria, como foi no Pentecostes, permitindo-nos superar a dor da cruz. A alegria, com um pouco de molecagem, é um de seus principais dons e um indicador de sua presença. “Um santo triste é um triste santo”, como dizia Santa Teresa.
5. É travesso porque é a “travessa” que une o Pai e o Filho em um único e mesmo amor e em uma única e mesma missão. É sempre o meio travesso pelo qual podemos nos relacionar uns com os outros e com a Igreja.
6. Por fim, é travesso porque incentiva a grande travessia missionária que liga dois pontos de terra ou mar, permitindo a comunicação, a comunhão e a cooperação missionária entre as igrejas locais.

1.1 A pessoa do Espírito Santo

O fato de o Espírito Santo ser uma pessoa, significa que ele é igual em dignidade ao Pai e ao Filho, mas com sua própria singularidade. Sua igualdade está no seu ser divino: ele é Deus. Sua singularidade está no fato de que ele tem sua própria missão no plano de salvação.

O Espírito Santo é o protagonista no mistério pascal de Jesus Cristo, em e por meio dos Apóstolos e da Igreja, da realização dessa obra no espírito do ser humano e na história do mundo. Ele é o protagonista de toda a missão eclesial, por meio dos Apóstolos e nos ouvintes, para que a Boa Nova possa tomar forma. O Espírito Santo é o doador da vida.³

A singularidade de sua missão nos ajuda a decifrar sua própria identidade. No Novo Testamento, encontramos algumas menções que podem nos aproximar disso.

- a. *Ele é Deus “para” nós: Atos 1,4-5⁴ (promessa)* O Evangelho inteiro é uma grande promessa, centrada no Espírito Santo. O clímax é que os discípulos “serão batizados no Espírito Santo” em vista da missão universal: até os confins da terra. Em virtude dessa investidura com o Poder e a Força divinos, os discípulos serão capazes, como Jesus, de proclamar as Boas Novas do Reino de Deus até os confins da terra.
- b. *Ele é o Deus “em” nós: Atos 2,1-4 (efusão)* Pentecostes, ou o “batismo no Espírito Santo” dos apóstolos, é a efusão do Espírito Santo por Jesus, que Ele mesmo recebeu de Deus, Seu Pai, e que coroa a Páscoa de Cristo. Em Pentecostes, a promessa da efusão universal do Espírito no final dos tempos é cumprida na Igreja. O dom do Espírito tinha um propósito muito preciso: proclamar a grandeza de Deus, dando testemunho de Jesus, aos moradores de Jerusalém, que vieram de todas as partes do mundo. Eles também deveriam ouvir a mensagem do Espírito: para eles também era dirigida a Boa Nova de Jesus. Essa é a essência do mistério de Pentecostes.

³ Segura, William. Uma abordagem bíblica: O Espírito Santo e a abertura missionária da Igreja Primitiva em Atos dos Apóstolos. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

⁴ Documento de síntese do Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá, p.5.

- c. *Deus “através” de nós: Atos 2,37-39 (Deus através de nós)* Uma vez convertidos e batizados em nome de Jesus, os novos crentes recebem o dom do Espírito Santo, que o próprio Deus prometeu, pois o Espírito Santo não é apenas para os apóstolos, mas para todos os ouvintes que aceitam o testemunho de Jesus, para seus filhos e para todos aqueles a quem o Senhor chama. A promessa do Espírito Santo se estende a judeus e gentios, a todos os lugares e a todos os tempos, às pessoas daquela época e a nós hoje.

1.2 A missão do Espírito Santo

O ponto-chave de toda a história da salvação é o evento pascal: morte, ressurreição e o envio do Espírito Santo. A redenção passa pelo sacrifício da Sexta-feira Santa.

Mas o que parecia ser o grande fracasso não era o fim. A ressurreição de Jesus é o ponto de virada na história da salvação. É uma dinâmica que, longe de pertencer a um passado esquecido, nos fala do futuro e, portanto, continua a pressionar o presente com sua força libertadora.

A ressurreição, apesar das diferenças entre as versões do Novo Testamento, é um evento ligado ao Espírito Santo. Na versão de João, no dia da ressurreição, Jesus aparece aos discípulos e lhes dá o Espírito Santo (Jo 20,19-23). De acordo com a visão de Lucas, o Ressuscitado envia o Espírito cinquenta dias depois, daí o nome Pentecostes (Atos 2,1).

Assim, em conexão intrínseca com o mistério pascal, é possível delinear a missão do Espírito Santo em detalhes:

- a. *Expansão e universalidade* - Ação de Deus por meio do Espírito se distingue pela universalidade, multiplicidade e pluralidade. Podemos falar de uma autêntica polifonia. Ele é quem provoca, possibilita e canaliza uma expansão em direção ao universal, incluindo mais agentes e mais áreas de ação, com abertura e respeito por toda particularidade e originalidade.

As ações do Espírito Santo são experimentadas por todos os crentes em todo tempo e lugar. Os efeitos do Espírito abrangem uma multiplicidade de fenômenos: milagres, inspirações, êxtases, dons de línguas e profecia, vários carismas e sentimentos: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, autocontrole (cf. Gl 5,22).

- b. *Transformação e transfiguração* - O mistério de Pentecostes nos fala de transfiguração e transformação. Acima de tudo, é um dom de coragem: dos fugitivos covardes da Sexta-feira Santa, os apóstolos se tornam testemunhas corajosas e missionários do Senhor Jesus. A “parresia” faz a pessoa sair de si mesma e superar seus medos, é audácia e força, coragem e bravura, é força e alimento para o alcance missionário dos discípulos.
- c. *Criador da pluralidade e da unidade* - O Espírito Santo é o criador da pluralidade e da unidade. Por mais paradoxal que possa parecer, ele cria a unidade que harmoniza a pluralidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade que integra e enriquece a unidade. Ele espalha seus dons e carismas, permitindo que cada igreja local tenha seu próprio rosto,

iluminando o processo de inculturação do evangelho nos povos e comunidades, de acordo com a lógica da encarnação.

O Espírito é a alma de cada igreja local e, ao mesmo tempo, um fator de integração na universalidade da única Igreja Católica. Os diferentes ministérios e carismas servem ao bem comum de todo o povo de Deus.

Não precisamos esperar pela ação do Espírito, porque o Espírito já está agindo. Não precisamos esperar por eventos maravilhosos ou grandes prodígios. O Espírito já veio, já está agindo, já vive em nós. Experimentar o Espírito implica assumir um risco. Temos de ir ao encontro do outro, viajar para o diferente, para o absolutamente desconhecido, permitir que sejamos transformados e mudados por ele. Temos de renunciar a nós mesmos e ir ao encontro dos outros.

Uma comunidade animada pelo Espírito é uma comunidade aberta ao mundo, capaz de ver além de seus muros e de se compadecer com a dor e o sofrimento dos outros. Ela vê as coisas com os olhos dos pobres, das vítimas, com os olhos dos últimos, dos descartados da sociedade que são os favoritos de Deus. É, portanto, uma comunidade que saiu da letargia e da cegueira e, por isso, é capaz de superar o narcisismo da autorreferencialidade e de vencer a tentação do “gueto”.

A missão do Espírito nos fala em Pentecostes de uma ampliação e inclusão universal, que é a chave para entender a missão da Igreja. O Espírito está sempre atuando de forma invisível e surpreendente, derramando seus carismas, mostrando-se mesmo fora dos limites visíveis da Igreja universal e das igrejas particulares. “Este tempo é marcado por sua presença e ação. Ele é o protagonista da Missão. Os missionários de Deus são aquelas pessoas que, deixando-se guiar pelo Espírito, colaboram e se tornam cúmplices de sua Missão”.⁵ Reconhecer a missão do Espírito nos levará pelos caminhos da mística, para entrar nos caminhos da interioridade, que são os do coração, para reconhecer o Deus dos místicos. A mística nos permitirá ser “evangelizadores com o Espírito” (EG 262-280) e, ao mesmo tempo, sustentar a força missionária com a intercessão da oração (EG 281-283).

A missão do Espírito nos introduz em um processo de divinização que é a participação na comunhão missionária da Trindade. Nós viemos da Trindade e vamos para a Trindade.

2. Vida no Espírito Santo

Essa segunda abordagem da evangelização com o Espírito refere-se às motivações internas dos próprios evangelizadores, que certamente são fruto da ação do Espírito, combinadas, porém, com a resposta e a entrega das pessoas à iniciativa divina.

A primeira motivação de um evangelizador é definitivamente o encontro pessoal com o

⁵ Cf. Biord Castillo, Raúl. “Abordagem teológica: A Igreja particular impulsionada pelo Espírito até os confins da terra: sua responsabilidade missionária”. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

Cristo morto e ressuscitado por meio do Espírito. O coração do evangelizador é, antes de tudo, um coração em processo de conversão.

2.1 Encontro pessoal com Cristo

Em EG 164-165, descobrimos que o primeiro anúncio ou “querigma” deve estar no centro da atividade evangelizadora e de toda tentativa de renovação eclesial. O “querigma” é trinitário, pois é o fogo do Espírito que é dado na forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição revela e nos comunica a infinita misericórdia do Pai. A centralidade do “querigma” exige certas características necessárias do anúncio missionário:

- *Deus é amor*: ele me ama incondicionalmente, ele me ama porque quer me salvar.
- *O amor nos torna livres*: Deus, em seu amor, gera liberdade no coração de cada homem ou mulher que o acolhe e o aceita.
- *Deus me sonha feliz*: os corações daqueles que conhecem Jesus Cristo são selados com alegria, encorajamento, estímulo e vitalidade.

O Espírito Santo é a condição que o Pai e o Filho prometem para que sua obra de salvação seja realizada.

Os apóstolos afirmam que eles mesmos, juntamente com o Espírito Santo, são testemunhas da veracidade do “querigma”: eles se confessam anunciadores irrefutáveis da função redentora que se baseia na vida, na morte e na ressurreição do Senhor Jesus. Temos uma missão sob o marco da coragem, da firmeza e de um testemunho em nome de Jesus que é incômodo e provocador.

A autenticidade do testemunho não vem da intuição ou do conhecimento dos discípulos, mas nasce do dom do Espírito que lhes dá a capacidade de se tornarem enviados do Ressuscitado (At 1,8; Lc 12,2) e, portanto, testemunhas oculares da grandeza do “querigma” trinitário. Mesmo que as consequências sejam a perseguição, Jesus não garantiu sucessos fáceis. A missão é sempre um risco.

2.2 A paixão de Deus é a paixão do missionário

A missão é, em suma, a adesão a esse Deus missionário que se revelou em Jesus, que ama a todos nós, que fala a todos nós e que nos chama a participar de sua vida e glória, chamando-nos a cooperar com ele para construir um mundo novo, “um novo estado de coisas, uma nova maneira de ser, de viver, de estar com os outros” (EN 23). O missionário não vai por conta própria, ele é enviado. E esse envio é possível porque ele foi primeiro infundido com a vida do Espírito que o capacita a compartilhar a paixão de Deus.

Dessa raiz, que podemos chamar de adesão a uma “vida segundo o Espírito”, surge a paixão e “o prazer espiritual de estar perto da vida das pessoas, a ponto de descobrir que isso se torna uma fonte de maior alegria” (EG 268). A missão nos leva a uma divinização que nos liberta, nos torna fonte de vida e nos humaniza plenamente.

3. Testemunhas do Cristo vivo

Falar de evangelizadores capacitados pelo Espírito é falar de testemunhas autênticas do Cristo Vivo. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus. Viver de acordo com o Espírito é compartilhar a vida de Cristo em nossa própria vida, infundida pela pessoa do Espírito que nos envia aos confins da terra como testemunhas e enviados dessa nova vida do Cristo Ressuscitado.

3.1 Testemunhas em movimento até os confins da Terra

A testemunha deve ser, por natureza, um missionário em saída. Para qualificar a dinâmica de “sair” para os confins do mundo, o Pe. Estêvão Raschiatti divide o termo “confinos” em três significados diferentes: confins como horizontes, como fronteiras e como margens.

- a. *Horizontes de um movimento de evolução, expansão, avanço e descoberta* - A Igreja está a serviço de uma humanidade que viaja cada vez mais longe, compartilhando com ela “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias, especialmente dos pobres” (GS 1). Onde está a sociedade global hoje, em direção a que fim, em direção a que objetivo, em direção a que horizonte?

O mundo globalizado em que vivemos parece ter perdido a visão de seu horizonte, diminuindo suas expectativas, encolhendo seus sonhos e esperanças, vivendo de metas fragmentárias e de curto prazo: “a história - diz o Papa - mostra sinais de regressão” (FT 11).

Entretanto, para os discípulos missionários “nada do humano pode parecer estranho” (DAp 380). Francisco convida continuamente a Igreja a superar a tentação de se fechar, de se retrancar, de condenar e de lidar reativamente com os problemas complexos que surgem no mundo de hoje. Pelo contrário, devemos sair, criar hábitos proativos, ver oportunidades e não apenas ameaças, discernir com segurança, mas caminhar na esperança e “abrir-se aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Os horizontes universais das culturas, das sociedades, dos saberes, das ciências, das tecnologias e das várias esferas da vida são um contínuo convite a abrir-se a tudo e a todos, ao novo, ao inesperado, ao desconhecido, ao subversivo, lembrando o adágio de Santo Irineu “o que não é assumido não é redimido” (cf. DP 400) e lembrando também que a Boa Nova de Jesus de Nazaré foi também algo absolutamente desconcertante, novo, aberto a tudo e a todos, que semeou esperança, mas também gerou resistências e conflitos.

- b. *Fronteiras*- Um segundo significado do termo “limites” refere-se às fronteiras, o limiar entre o nosso mundo e o dos outros. Os limites também são linhas de demarcação, separação, cruzamento e intercâmbio.

A origem das fronteiras no mundo atual - sejam elas geopolíticas, socioculturais ou identitárias - pode ser atribuída menos a uma questão histórica, cultural ou ancestral do que ao processo de colonização e dominação do Ocidente sobre o resto do planeta.

De fato, a hegemonia ocidental criou a fronteira que é a mãe de todas as

fronteiras: a linha abissal entre a modernidade e a colonialidade. Essa fronteira, com seu subsistema de distinções visíveis e invisíveis, é reproduzida de forma natural e articulada até hoje, em todos os aspectos da vida cotidiana, na organização das sociedades, nas relações internacionais e até mesmo nas igrejas.

Com suas pretensões universais, hegemônicas e salvacionistas, o Ocidente impôs sistematicamente uma relação assimétrica entre um ser superior (branco, cristão, civilizado, benfeitor) e um sub-ser inferior (índio/negro, pagão, subdesenvolvido, necessitado). A partir da dominação das almas, da imposição de um imaginário, da sedução das mentes, da erradicação das identidades culturais, da hierarquização das raças, da negação do outro, surgiu o sistema-mundo moderno. Esses processos de dominação ainda nos definem hoje e são internalizados/naturalizados em nós, de modo que constituem um limite de identidade originado na cumplicidade inspiradora da missão cristã.

Essa missão precisa habitar penitencialmente as fronteiras que ela mesma criou (adgentes) para aprender a desaprender um modo de se dirigir aos outros (contra gentes) e reaprendê-lo em reciprocidade com os outros (inter gentes). Essa é uma profunda conversão interior. Nossas Igrejas precisam ir até as fronteiras de seu conhecimento, de sua compreensão, de suas certezas, de seu modo de ser, e buscar novas formas de evangelizar a si mesmas e aos outros, encontrando verdadeiramente os outros: “cada vez que encontramos um ser humano no amor, somos capazes de descobrir algo novo sobre Deus” (EG 272).

Nesse sentido, a missão precisa retornar a pensar e fazer teologia. A teologia da missão é chamada a retomar seu duplo papel de “teologia de fronteira” e “fronteira da teologia”. Vale a pena lembrar que a abordagem colonial da missão não foi determinada pelos métodos, inconsistências e atitudes dos missionários: pelo contrário, foi determinada pela relação dedutiva entre teologia e missão.

Os “novos confins”, entendidos como “fronteiras”, constituem “linhas de frente” para a Igreja hoje, onde podemos ver a realidade do revés da história, das feridas coloniais, culturais, religiosas e epistêmicas dos povos crucificados, empobrecidos, silenciados, descartados e negados. Assim, as fronteiras constituem tanto uma realidade histórica quanto uma escolha ética que, por sua vez, implica uma “ótica”, um “distanciamento” fundamental ao perceber, ouvir e questionar a realidade do ponto de vista das vítimas e dos sobreviventes.

- c. *periferias* - Um terceiro significado do termo “confins”, de forma semelhante ao segundo, aponta para as margens, as periferias, os lugares marginais, suburbanos, fronteiriços. Eles são a Galileia do mundo atual, territórios mestiços, sincréticos e empobrecidos, marcados pela exclusão, expropriação, violência e abandono. O Papa Francisco convida continuamente a Igreja a sair para as periferias, para não correr sem rumo e sem sentido pelo mundo (EG 46). Diferentemente das fronteiras, as periferias existenciais não estão entre os mundos, mas dentro dos mundos, como realidades esquecidas, invisíveis e desprezadas. Se a fronteira representa o lugar do (des)encontro com o outro, a periferia é o lugar da proximidade com o pobre.

Tornar-se pobre é uma exigência radical para seguir Jesus, porque essa condição é uma participação na vida divina, mostra quem é Deus, a quem Deus prefere, com quem Deus se coloca em sua missão: “o encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé”, disse Aparecida (DAp 257), e a eles é concedida a condição de mediadores da graça (cf. EG 197). Assim, não basta que a igreja afirme ser a “casa dos pobres” e dos marginalizados, mas ela deve primeiro entrar em suas casas como peregrina.

Isso também implica um processo de aprendizagem que leva a habitar as periferias, a tecer laços de amizade (cf. DAp 398), a sentir e a pensar a partir do solo dos marginalizados, a ter o coração dos pobres, a compartilhar sua visão de mundo, a viver intensamente sua vida cotidiana. Em outras palavras, deixar que a periferia habite em nós. “Habitar” é muito mais do que se tornar um hóspede: significa pertencer mergulhando, tocando com a mão o desencanto, as divisões, os conflitos e as lacerações produzidos pela diáspora fronteira, enraizados na história, no corpo e na vida cotidiana das mulheres violentadas, dos indígenas e dos negros, dos migrantes despossuídos,

dos trabalhadores condenados à precariedade, dos excluídos por razões de gênero, dos milhões de deserdados que vivem a violência colonial em sua própria carne. É por isso que as periferias, assim como as fronteiras, não são um lugar fácil de se viver.

III. CONCLUSÃO

Toda a universalidade da missão, estendida a todas as nações até os confins da terra, acabará sendo contextualizada em um território - que não é um território qualquer - e em uma condição existencial marginal, esquecida, excluída - que não é uma condição existencial qualquer. A missão é assumir, compartilhar e viver essa condição existencial de exclusão e invisibilidade. Missão é deixar de ser o centro, missão é “desaparecer”. “O discípulo-missionário é descentrado - diz o Papa Francisco - porque seu centro é Jesus Cristo, que chama e envia” (FRANCISCO, 2013). Esse centro exige fidelidade, desapego, desarmamento e a mais absoluta gratuidade. Aqui reside o permanente discernimento sinodal e a atitude penitencial de toda “Igreja em saída” para as periferias.



FOLHA 2: EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINES DA TERRA

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA SEGUNDA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Redescobrir a identidade do batizado de “ser igreja” a partir do ser evangelizador que, movidos pelo Espírito Santo, responde a sair ao encontro de todos os nossos povos.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
Que revelaste em teu Filho a Boa Nova,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para **dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.**

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar a
face da Terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dê-nos força para caminhar, como povo de
Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos
missionários
até os confins da terra.
Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

Evangelii Gaudium: Capítulo V: Evangelizadores com Espírito 259, 261, 262.

259. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contrarrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.

261. Quando se diz de uma realidade que tem «espírito», indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária. Uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos. Como gostaria de encontrar palavras para encorajar uma estação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante! Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora. Antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos.

262. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade.

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

Os evangelizadores com o Espírito são aqueles que, acolhendo a ação do Espírito Santo, abraçam uma vida de acordo com o Espírito. A partir disso, distinguimos duas abordagens: a ação do Espírito e a vida segundo o Espírito.

O Espírito Santo é o protagonista da missão. Ele é Deus “para” nós, Deus “em” nós e Deus “por meio” de nós. A ação de Deus por meio do Espírito se distingue pela universalidade, multiplicidade e pluralidade. É ele quem provoca, possibilita e canaliza uma autêntica expansão em direção ao universal, incluindo mais agentes e áreas de ação, com abertura e respeito por sua particularidade e originalidade. O Espírito, em sua ação, transforma cada pessoa para que tenha a coragem de sair de si mesma, de superar seus medos e de se deixar levar para as periferias. O Espírito Santo é o criador da pluralidade e da unidade. Ele espalha seus dons e carismas, permitindo que cada igreja local tenha seu próprio rosto, iluminando o processo de inculturação do Evangelho nos povos e nas comunidades, de acordo com a lógica da encarnação.

O evangelizador com Espírito participa de uma vida no Espírito. Portanto, para ter essa vida no Espírito, é preciso ter um

encontro pessoal com Cristo que leve a ter uma paixão pelas coisas de Deus. O Espírito permite que toda pessoa batizada se torne um enviado do Cristo Ressuscitado (At 1,8; Lc 12,2) e, portanto, uma testemunha ocular da grandeza do querigma trinitário.

O evangelizador capacitado pelo Espírito é, portanto, uma testemunha de Cristo. O Espírito Santo levará o missionário até os confins da terra. Esses confins podem ser definidos a partir dos horizontes das culturas, sociedades, conhecimentos, ciências, tecnologias e várias esferas da vida; a partir de fronteiras geopolíticas, socioculturais ou de identidade; e a partir das periferias existenciais, conforme apresentado pelo Papa Francisco.

Toda a universalidade da missão, estendida a todas as nações até os confins da terra, acabará sendo contextualizada em um território - que não é um território qualquer - e em uma condição existencial marginal, esquecida, excluída - que não é uma condição existencial qualquer. A missão é assumir, compartilhar e viver essa condição existencial de exclusão e de invisibilidade. Missão é deixar de ser o centro - missão é desaparecer. “O discípulo-missionário é descentrado - diz o Papa Francisco - porque seu centro é Jesus Cristo, que chama e envia” (FRANCISCO, 2013).



VIII. ORAÇÃO MARIANA

Maria, a Mãe da Evangelização (EG 288)

Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa do que
nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.

Vós, cheia da presença de Cristo,
levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.

Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da
Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da
ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.

Alcançai-nos agora um novo ardor de
ressuscitados

para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.

Dai-nos a santa ousadia de buscar novos
caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.

Vós, Virgem da escuta e da contemplação,
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone
puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da
comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua
luz.

Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.

Amen. Aleluia!





Diseño y diagramación



cyeimac@gmail.com